O Corvo Negro

Prólogo

O continente de Ayrlia faz parte de um mundo simples. Um mundo regido pela força da espada e do martelo. Em um mundo como esse a magia perdeu terreno até praticamente sumir, hoje os praticantes desta arte são vistos com maus olhos pelos guerreiros que se consideram mais dignos.

Pelo preconceito empregado aos magos e feiticeiros uma guerra civil se iniciou. As cidades, governadas por antigas famílias de guerreiros, apoiaram aqueles que empunhavam armas terrenas. Apenas uma cidade era governada por magos, Gorgon ao norte, mas esta para não se comprometer permaneceu neutra.

Os poucos seres místicos do continente que sobraram após as primeiras investidas dos enormes batalhões das grandes cidades fugiram para o leste, para a ilha central. De lá, os magos criaram seres diabólicos, seres horrendos, monstros, que foram enviados pelos mares para destruir o continente.

Mas a força das grandes cidades era maior do que eles imaginavam após o primeiro contingente de seres abissais ser destruído foram enviados mais três, todos com números e forças equivalentes, todos massacrados pelos cavaleiros experientes dos oito reinos.

O quinto exército enviado pelo oceano foi grotesco, tamanho que não seria possível vencer. Algumas guerras foram perdidas e as criaturas invadiram Ran e Galdeo tomando conta de duas das três cidades mais importantes da economia do continente.

Incomodados pela confusão e a crise que chegava, os magos de Gorgon decidiram que era hora de agir. Um exército enorme foi preparado com todos aqueles que sabiam praticar mágicas, feitiços e até apenas truques simples.

Armas foram forjadas por Griswold com uma finesse jamais vista, esgotando por completo o metal mais valioso do reino, Galdir, um material tão esplêndido que absorvia magia para ser usada posteriormente.

Um exército de magos e cavaleiros com armas místicas marchava na direção das duas cidades dominadas. Naquela noite não houve cerco, não houve aviso, as forças terrenas invadiram as cidades e aniquilaram toda e qualquer forma de vida hostil.

Mas mesmo com todo aquele poder muitos conseguiram escapar e desapareceram. Alguns fugiram para o mar, outros para as florestas, mas um pequeno grupo que esperava a hora certa quis vingança e tentou atacando uma pequena vila próxima a Gor, a região menos afetada, portanto, menos preparada.

Um pescador que arrumava seu barco para começar o dia avistou as criaturas saindo do oceano e correu até a vila para avisar. Arrombou a porta do escritório do chefe da pequena aldeia com seu corpo todo e anunciou aos berros.

- Os monstros estão vindo!

O chefe rapidamente escreveu um pedido de ajuda para Gor em um pedaço de papel o enviando com o corvo mensageiro. O pássaro alçou voo na direção do sul, com a esperança de toda uma população.

Os poucos guardas que havia na aldeia foram acionados para esvaziar as casas e mandar todos para a floresta, para que corressem para longe. Logo que as casas foram esvaziadas, voltaram para tentar contra-atacar.

O pequeno grupo de monstros que estava atacando não era nada de mais, mas realmente a vila estava despreparada, já havia meses que a paz tinha se instaurado e aquela região nunca foi das mais guerrilheiras. O contingente de soldados foi rapidamente destruído.

O chefe da vila seguiu com seu povo para a floresta, em busca de abrigo, seguindo na direção de Gor, seus protetores. Os monstros subiram para o norte, na direção de Galdeo, mas dizem que foram aniquilados por um grupo de corvos, assassinos de aluguel, que em uma conhecidência única se reuniam no caminho.

O pássaro negro voltou para o chefe da aldeia com uma mensagem de Gor pedindo se haviam sobrevivido. A carta foi respondida avisando que no dia seguinte um contingente de pessoas refugiadas chegaria e precisavam de alimento e moradia.

Na cidade de Gor as notícias se espalhavam. Alguns ficaram com medo de mais pessoas chegando á cidade, a economia já não ia bem, não queriam mais cidadão usufruindo da terra gelada e infértil da metrópole.

Em especial um jovem ficou muito ansioso pela notícia. Seu pai havia morrido na quinta guerra contra os monstros, foi um herói que ajudou a expulsar aquelas criaturas podres da terra dos mortais. Seu nome era Ukel Delacced e foi correndo dormir para que no dia seguinte pudesse ver os recém chegados.

Capítulo I: A elfa

Na cidade de Gor, um garoto chamado Ukel tomava seu café junto de sua mãe. Na mesa havia várias iguarias, a grande maioria derivada de bisão das neves, um animal grande e gorduroso, encontrado com facilidade na região.

O garoto olhava para a janela ansioso, pois, desde a noite passada ouvira que viajantes vinham para Gor, refugiados de uma pequena vila assolada por uma batalha travada contra monstros do leste.

Logo um som de passos, seguido de tremores que faziam as molduras da casa tremerem levemente, quase que de modo insignificante, foi ouvido.

Fora da casa, algumas pessoas passavam pela rua, em frente às outras casas, curiosos, observavam os forasteiros. Os refugiados vinham de uma vila próxima a Galdeo, que havia sido atacada por uma horda de criaturas horrendas do oceano Nascente, o oceano do leste.

Em meio aos camponeses que cruzavam as estradas se destacava uma família de elfos, eram mais esguios, pálidos e tinham as orelhas pontiagudas. A família tinha um pai, uma mãe e uma criança, uma garota que parecia ter uns oito anos de idade. Ela era ainda mais pálida do que seus pais e tinha os cabelos negros como os de Ukel.

Os novos moradores estavam seguindo caminho até o centro de Gor onde haveria um pronunciamento de algum nobre ou duque. O garoto, assim como outros moradores da cidade, com a autorização de sua mãe, seguiu a fila de forasteiros a caminho do centro da cidade.

Ukel por algum motivo não conseguia tirar os olhos da garota de cabelos negros.

- Gatinha ela né! - Um garoto alto e forte, parecia ter uns doze anos comentou.

- Não sei do que você esta falando! – O menino mais novo respondeu envergonhado, tentando desviar o olhar da bela menina.

- Ah qual é, eu vi você olhando pra ela! – O garoto mais alto deu uma batidinha no ombro do mais jovem. – Meu nome é Farem! Qual o seu?

- Eu me chamo Ukel. –Respondeu sem jeito.

- Muito prazer Ukel, você mora por aqui?

- Sim, ali atrás. – O rapaz apontou para o horizonte tentando mostrar onde ficava sua residência.

- Legal, nunca te vi por aqui!

- Eu não sou muito de sair, prefiro ficar em casa!

- Por isso essa pele branca. – Brincou Farem.

O resto do caminho seguiu-se em silêncio, mas o garoto mais velho não desgrudou de Ukel em nenhum momento. Depois de alguns minutos de caminhada ritmada finalmente chegaram ao centro da cidade de Gor, a cidade não era muito grande, mas pertencia as oito grandes capitais do continente de Ayrlia.

Alguns cercados com bisões da neve beiravam a muralha baixota que protegia a cidade. A placa baixota estava praticamente coberta de gelo, parecia até o interior de um frízer. A parede azulada fazia com que a sensação térmica fosse extremamente baixa. Alguns dos forasteiros tocavam na densa parede recoberta por gelo e logo após davam uma tremida com o impressionante frio que a pedra congelada exalava.

Os portões estavam abertos, só fechavam sob ameaça de ataque. O interior da cidade era calmo, nas laterais das ruas havia tabernas, hospedarias, lojas de especiarias e, ainda que poucas, algumas lojas de armamento. Gor era uma das poucas cidades que praticamente não entravam em guerra e por conta disso não tinha muita necessidade de armamento. Mas é claro que havia

guardas, por toda a cidade guerreiros de armadura de couro batido com vestes negras sob o corselete circulavam pelas ruas para garantir a segurança dos moradores da mesma.

A fila parou abruptamente circundando um palco estrategicamente posicionado no centro da praça. Em cima do tablado, quatro guardas estavam cercando um homem dentro de uma armadura dourada com detalhes pretos no peitoral em formato de coroa. O homem tinha cabelos longos e loiros, tinha uma face delicada e quando começou a falar, um tom aveludado inundou os tímpanos das pessoas.

- Sejam bem vindos a Gor viajantes, eu os recebo de braços abertos em nossa humilde cidade! - O homem andava e gesticulava sobre o palco tentando olhar para todos os lados onde havia pessoas. – Me entristeceu a notícia da guerra que devastou suas terras, realmente me pesa no coração ver tantas pessoas sem lugar para dormir e comer, por hoje, nós do governo de Gor, os receberemos em nossas hospedarias e tabernas gratuitamente, comam, bebam e trepem o quanto quiserem. – As pessoas urraram. - Mas assim que o sol ameaçar aparecer no horizonte, quero vocês fora da minha cidade! - Com essas fortes palavras, o homem fez uma reverência para as pessoas e, escoltado por seus guardas, deixou o palco.

As pessoas no centro da cidade ficaram pasmas. Como assim teriam que deixar a cidade ao amanhecer? Elas haviam vindo para Gor em busca de uma nova vida e agora estavam praticamente sendo enxotadas para fora como se empurra um cachorro sarnento que invade sua casa. Indignado, um dos refugiados subiu no palco e começou a gritar a plenos pulmões.

- Já que ele nos autorizou fazer tantas coisas de graça porque não destruímos a cidade como forma de gratidão?! - Todos sabiam como era ridícula a proposta do homem, mas não foi necessário ninguém alertá-lo, pois logo uma flecha negra acertou o meio de seus olhos fixando em sua testa enquanto o homem caia, já sem vida, no palco, formando uma poça de sangue que manchou as tábuas da estrutura de madeira.

As pessoas desesperadas começaram a sair correndo na direção dos portões, logo Ukel foi empurrado por alguns cidadãos até ser jogado ao chão.

Em meio aos pés que passavam quase lhe acertando surgiu uma mão, era Farem, tentando ajudá-lo a sair do meio da multidão.

- Por pouco você não morre ali garoto! – Exclamou o rapaz mais velho tirando o jovem do tumulto.

- Fala como se fosse muito velho! – Retrucou Ukel.

- Acabei de te salvar, poderia ao menos agradecer. - O rapaz não parecia querer puxar mais uma briga no meio daquela confusão.

- Você está certo!

Ukel olhou para o homem em cima do palco morto, o sangue escorria e já havia manchado todo o tecido que cobria a armação de madeira. O homem daquela família de orelhudos subiu no tablado para tentar acalmar a multidão, gritava coisas como "acalmem se", "parem de correr", "vão matar alguém desse jeito", mas as pessoas o ignoravam.

A mulher do elfo suplicava para que ele descesse com medo que acontecesse o mesmo que ocorreu com o defunto. As súplicas da mulher foram ignoradas, mas seriam úteis, logo uma flecha atravessou a cabeça do elfo que tentava acalmar o povo, esse que caiu ao chão com a boca ensanguentada.

Do outro lado da cidade, podia se ver um grupo de soldados vindo correndo à multidão com espadas e arcos em punho. O homem que havia matado os dois forasteiros desceu de um telhado próximo e foi em direção da elfa e de sua filha terminar o serviço que começara.

O homem usava uma roupa de bisão tingida de preto com um capuz longo que escondia seus olhos e levando um arco nas costas. Da cintura puxou uma faca dourada partindo na direção da mulher que chorava sobre o cadáver do marido.

A esse ponto não havia mais pessoas perto e quase todos já haviam evacuado a cidade. O homem puxou a mulher para cima, Farem instintivamente saiu correndo na direção da cena, mas foi lento demais e antes que chegasse o exterminador introduziu a faca no estômago da mulher.

A cena pareceu não abalar o pequeno guerreiro que retirou uma adaga do sapato e pulou em cima do assassino, inútil, o encapuzado virou com uma velocidade absurda, como se tivesse um olho na nuca, e chutou o garoto no estômago fazendo o jovem cair de joelhos cuspindo sangue em cima das botas negras de seu agressor, que com um chute certeiro, acertou-lhe o queixo o jogando de costas sobre a neve, debilitado.

Para acabar o serviço, o homem de preto se virou mais uma vez na direção da garota, mas ela não estava mais lá, no lugar da jovem elfa, apenas pegadas que levavam até a porta de uma padaria. O homem seguiu as pegadas até a porta, a abriu com cuidado e viu a menina no final do quarto com uma faca de cortar pão tremendo entre as duas mãos.

O assassino esboçou um sorriso que se alargou até sangue começar a brotar por dentre seus lábios. O homem caiu de joelhos e depois de cara no chão espalhando o sangue sobre a madeira do açoalho. Nas costas do defunto estava cravada a adaga de Farem, mas quem estava olhando para ela com um olhar perturbado era Ukel, com as pontas dos dedos manchados de sangue do morto. Ele tirou a adaga das costas do homem e pegou seu casaco preto.

- Aqui use isto! – Ainda pasmo com o que havia feito, mas se controlando para a garota não ficar nervosa, o garoto de dez anos ofereceu o casaco do assassino para a garota assustada que tremia de frio.

- Tire isso da minha frente, não quero isso perto de mim! - A garota estava muito assustada e aquilo podia ser perigoso.

Ukel jogou o casaco do assassino para o outro lado da padaria para onde ela não poderia vê-lo, então tirou o próprio casaco e entregou a ela.

- Então fique com o meu, senão vai congelar! – Mesmo relutante a garota pegou o casaco de Ukel. – Qual o seu nome?

- Me chamo Merienir, mas todos me chamam de Meri.

- Eu me chamo Ukel. – O rapaz se sentou ao lado dela e tirou a faca de entre as mãos da garota com cuidado para não parecer que queria fazer mal a ela. – Se você quiser pode ficar na minha casa até essa coisa passar.

- Paro o namoro aí Ukel? – Farem apareceu na porta ainda com sangue na boca, caminhando com dificuldade, ao passar pelo assassino caído fez questão de dar um chute bem dado no meio das pernas do homem que o havia agredido há pouco. – É só eu virar as costas que você já começa a dar em cima das bonitinhas, realmente não posso confiar em você. – O garoto mais velho deu uma piscadinha para Meri que ficou com as bochechas rosadas. – Eu me chamo Farem, e acho melhor você ficar na minha casa!

- Pera aí, o que? – O menino levantou-se e chegou bem perto de Farem. – Fala que eu fico dando em cima dela e depois vem aqui chamar ela pra sua casa?!

Os pais da garota tinham acabado de morrer, e os dois garotos, infantis, pensavam apenas neles e não em como ela poderia estar.

- Acho que ele está certo Ukel! – Merienir mesmo assustada conseguia raciocinar, mesmo que de forma inconsequente. – Ele parece ser mais velho e sabe se defender, acho que com ele vou ficar bem por um tempo. – Merienir aceitou aquilo rápido demais, mas provavelmente foi a forma que encontrou para se livrar da situação.

- Chupa essa. – Farem se sentou ao lado de Meri enquanto o garoto mais novo soltava fumaça pelas orelhas e sapateava na padaria.

- Então está certo, mas quero poder visitá-la de vez em quando. – Pediu Ukel.

- Acho que sim, por mim não tem problema, mas agora não quero discutir sobre isso, meus pais acabaram de ser mortos. – Lembrou a elfa. - Tirem-me daqui, por favor.

Farem se levantou e falou na orelha do amigo.

- Eu vou levar ela pra casa pra que ela descanse, depois de deixá-la venho falar com você.

-Certo. – Assim que Ukel concordou o garoto mais velho pegou Meri no colo e a levou porta a fora.

Farem se virou antes de sair da padaria olhando fixamente para Ukel.

-Vá para casa, logo os soldados virão ver o que aconteceu aqui! – Assim que ele terminou de falar trespassou a porta e foi em direção à área distrital.

Ukel olhou para o lado onde havia jogado o casaco, parecia um desperdício deixar uma peça tão boa para trás, e depois de dar seu casaco para Merienir estava sentindo muito frio.

O casaco ficou grande, mas era confortável e quente, o capuz cobria quase o rosto inteiro e as mangas sobravam uns quinze centímetros. A capa arrastava no chão e atrás do jovem a neve ia bagunçando e grudando no casaco negro.

Capítulo II:
A Tundra de Gelo

Quando o garoto chegou em casa sua mãe o abraçou com força aliviada.

- Meu filho, que bom que você chegou.

- O que aconteceu mãe?

- Eu soube que houve mortes na cidade hoje, e todos os refugiados foram embora às pressas, alguns até passando por cima dos outros. – A mulher desfez o abraço, mas continuou segurando os braços do garoto. – O que importa é que você está bem! Vá para o seu quarto, logo o almoço vai estar pronto, vamos ter sopa de bisão das neves!

- De novo?!

- É o que temos meu filho. – A mulher deu um beijo na testa do garoto e o soltou para que fosse para seu quarto.

Por sua mãe estar tão aliviada, nem notou que ele havia trocado de casaco e também não notou o sangue em suas mãos que a esta altura já estava seco. Ukel foi direto até o banheiro lavar suas mãos e o casaco com sabão de gordura de bisão, o sabão mais forte conhecido na época.

Conseguiu limpar os dedos e o casaco, secou o sobretudo como pode e o levou para o quarto. Ao entrar fechou a porta, colocou o casaco na janela para secar e sentou-se na cadeira na frente de uma mesinha de madeira surrada, puxou de uma pilha de papéis uma folha em branco e esboçou a coroa negra que estava no peito do nobre e a faca dourada do assassino, usando um pedaço de carvão.

As duas imagens eram muito distintas, e não pareciam ter ligação, o assassino não portava nenhum símbolo, suas roupas e armas não tinham nada incrustado ou bordado, então porque ele estava na praça se não era um soldado do rei?

- Ukel... Tem um jovem aqui que esta procurando por você. – A mãe de Ukel o chamou com um tom de estranheza na voz, afinal, Ukel não tinha amigos.

- Já vou! – O garoto guardou a folha dentro da escrivaninha em uma espécie de compartimento secreto e pegou o casaco da janela.

- Farem? Achei que ia demorar mais pra te ver! – Comentou Ukel.

- Falei que viria assim que pudesse! – O garoto mais velho desencostou do batente da porta. - Podemos conversar lá fora?

- Claro, só um segundo. – Ukel olhou na direção da cozinha. – Mãe, vou dar uma volta com meu amigo!

- Certo filho, mas não demore que daqui cinco minutos o almoço vai estar pronto. – Ukel fechou a porta.

- Estou vendo que você está usando o casaco do assassino, a Meri não vai gostar disso!

- Eu sei, mas depois que eu dei meu casaco para ela fiquei com frio, e me pareceu um desperdício deixá-lo lá jogado.

- E minha adaga? Você achou um desperdício deixá-la cravada nas costas daquele traste também? – Perguntou Farem ríspido.

- Agi por impulso e tirei das costas dele pra poder pegar o casaco. – Ukel tirou do bolso de trás a adaga de do amigo. – Aqui, me desculpe por isso. – Ukel esboçou um sorriso enquanto estendia a mão com a adaga para que Farem a pegasse.

- Não sei se posso confiar em você ainda. – Farem pegou adaga da mão de Ukel. – Mas você parece ser um garoto legal.

- Você pode confiar em mim, pode ter certeza, se precisar de algo para a Meri pode me pedir!

- Por enquanto nada, mas nós dois temos que fazer um favor para ela e enterrar seus pais.

- Oquê? E como faremos isso?

- Voltamos para o centro da cidade, pegamos os corpos e os levamos até a floresta congelada. – Farem respirou fundo. – É um bom lugar para se descansar pela eternidade!

- E porque nós precisamos fazer isso?

- Em respeito a ela é claro, mesmo parecendo forte, assim que ela chegou à minha casa se trancou no quarto e desabou a chorar, e além do mais, toda a alma merece um descanso eterno.

- Até o assassino?

- Até ele, mas isso não é nosso dever, agora, os pais dela são nossa responsabilidade!

O sentido era inexistente, duas crianças enterrarem dois corpos era até hilário de tão ridículo, mas por ser a ideia de uma criança era compreensível.

- Já que eu não tenho outra opção. – O garoto acabou cedendo.

- Mas temos que ser rápidos, isso se os guardas já não levaram os corpos pra deus lá sabe onde.

- Mas em cinco minutos o almoço vai estar pronto, que desculpa vou dar para minha mãe?

- Nenhuma, você simplesmente vai e depois inventa alguma coisa

- Tá bom, mas só dessa vez.

- Vai por mim Ukel, não vá com esse casaco!

- Tá certo, me dê um minuto e eu já volto com outro casaco. – Algum tempo depois Ukel voltou com um casaco de pele de bisão com um capuz com

pelo de bisão enfeitando os extremos, o casaco era branco na parte da pele e o pelo era marfim. – Já podemos ir?

- Claro, sua mãe suspeitou de alguma coisa?

- Não deixei que ela me notasse.

- Perfeito.

Depois de alguns minutos Ukel e Farem chegaram à praça. O movimento do centro estava voltando gradativamente ao normal, o palco e os corpos dos elfos haviam sido levados e a padaria onde haviam lutado a menos de uma hora estava interditada. No centro da praça a fonte havia voltado a funcionar, ela era maravilhosa, estacas de gelo giravam por dentro da terra indo e voltando dançando como se ainda estivessem em estado líquido, ninguém sabia bem como funcionava, mas diziam que a fonte existia desde antes da cidade ser construída e a cidade foi construída neste lugar por conta da magnífica fonte de estacas congeladas.

Perto da fonte havia um jovem casal.

- Talvez eles tenham alguma informação sobre onde estão os corpos, ou pelo menos quem os levou! – Afirmou Farem.

Farem caminhou até os jovens e de longe Ukel não conseguiu entender bem o que ele estava falando, mas parecia estar dando certo. O rapaz que Farem estava entrevistando apontou para o leste e fez um gesto de mais ou menos. Por fim Farem agradeceu o auxílio do casal e voltou até onde seu amigo estava.

- Parece que os guardas arrastaram os corpos para a zona leste, eles não sabem bem ao certo, mas acha que largaram-nos em um beco qualquer de lá.

- Então vamos logo!

Ukel e Farem seguiram para o lado leste da cidade. Aquela era a zona mais pobre. Nesse lado ficavam as lojas de combate e as lojas de bugigangas,

por ser um reino pacífico não recebiam muitos clientes. Os dois garotos seguiram as ruas até avistarem uma marca de sangue na porta e na calçada de uma loja de artigos para feitiçaria, a loja era chamada de “Covil Fúnebre” e algumas pessoas diziam que aquela loja vendia artigos de magia negra por certo valor.

- Os corpos devem estar naquela loja! - Disse Farem confirmando o óbvio. – Devemos ter cuidado, a fama do covil não é muito boa na cidade, e se os corpos estão lá dentro, alguma coisa eles escondem.

- Então deixa que eu vá primeiro, com seu tamanho quem quer que esteja lá dentro vai te notar com facilidade.

- Você não esta raciocinando direito...

- Não me subestime Farem!

Farem concordou e logo em seguida Ukel seguiu em direção à loja, primeiro testou para ver se a porta estava aberta, em vão a mesma estava trancada, depois olhou em volta para ver se não vinha ninguém e foi por detrás da loja, talvez para entrar pela porta dos fundos. A loja era mediana, praticamente uma casa. No primeiro andar, o comércio e no segundo a residência do proprietário. No segundo piso havia uma janela. A estrutura era de madeira e parecia ser antiga.

Ukel foi até a parte de trás da casa onde havia uma porta, a porta dos fundos também estava trancada, mas pelo buraco da fechadura o garoto percebeu que não havia ninguém do outro lado da mesma, atrás da casa alguns bagaços de fruta enfeitavam o chão coberto de neve e ao lado cravado na parede havia uma faca de cozinha. Ukel pegou a faca e a colocou na fechadura, a mexeu até ouvir um estralo e a porta se abriu.

Atrás da porta havia uma espécie de dispensa da loja, algumas pedras estranhas, umas ervas e outras coisas exóticas. Seguiu pela sala que era separada da loja por uma segunda porta, a mesma estava destrancada, mas um barulho chamou a atenção do garoto do outro lado parede, um som de gritos histéricos inundava seus tímpanos junto com o som de uma lâmina sendo afiada em um esmeril. Quando Ukel olhou pela fechadura viu um homem velho e raquítico, o dono da loja de bugigangas, estava levando em sua

mão uma adaga, mas não parecia uma arma comum, tinha a lâmina roxa e um pouco serrilhada, além de ter o cabo enrolado em um pano negro amarrado por um cordão por toda a superfície do cabo até acabar em um nó no final da armação.

No chão da loja, frascos e armas estavam jogados e sobre a mesa no centro da mesma estavam os dois corpos dos pais de Merienir. Talvez o velho quisesse alguma parte do corpo dos elfos para alguma espécie de magia negra.

Apenas com a faca que havia pego na parede do lado de fora da casa, Ukel não podia passar por um confronto direto, teria que ser inteligente, precisaria pegá-lo desprevenido.

O garoto era um pouco alto, mas era magro e sabia ser silencioso, furtivo teria mais chance de derrotar o idoso. O velho estava pasmo com os corpos sobre a mesa, ele circulava em volta deles boquiaberto fazendo uma espécie de dança esquizofrênica, concerteza era apenas mais um louco buscando os poderes mágicos que haviam deixado àquelas terras há muito tempo.

Quando o velho dançou para o lado contrário ao de Ukel ele agiu, passou sorrateiramente pela porta e se escondeu atrás do balcão onde o velho recebia o dinheiro dos clientes. Debaixo da estante se encontrava mais uma adaga, não como a que o velho portava, mas sim uma adaga comum feita de prata. Quando o louco ficou de costas para o jovem ele o atacou, com a adaga que havia encontrado debaixo da mesa o acertou as costas, o velho soltou um urro de dor e seu sangue jorrou manchando a roupa de Ukel e a parte de trás do estabelecimento.

- O que você esta fazendo? – Gritou o vendedor.

O velho estava pasmo com a situação, quem imaginaria que um garoto invadiria sua casa para atacá-lo, Ukel por sua vez ignorou o velho, mas mesmo com toda aquela pose uma lágrima ameaçava sair de seu olho, com a manga do braço livre ele limpou os olhos, mas o sujou de sangue que estava no casaco deixando o olho esquerdo manchado com o sangue do idoso, logo em seguida pegou a faca que encontrara na parede e a enfiou de baixo para cima na garganta do homem a fazendo aparecer pela boca que agora já não emitia mais ruídos.

Ukel largou a adaga e por alguns segundos ficou paralisado mais uma vez com o que tinha feito, a adaga de lâmina roxa que estava na mão do idoso agora se encontrava na frente de seus pés, ela parecia brilhar para ele, como que implorando ser pega. Como Ukel nunca foi de desperdícios embolsou rapidamente a arma exótica. Depois de voltar ao mundo real quebrou as partes dobráveis da porta para poder tirá-la do caminho de Farem.

Farem chegou até a porta do estabelecimento e olhou para o lado de dentro do covil, ao ver a cena horripilante de sangue e morte que lá se encontrava, quase vomitou tendo que desviar de Ukel para não acertá-lo, um pequeno jato saiu de sua boca em direção à neve ao lado da casa.

- De novo Ukel? Você não consegue ficar trinta minutos sem matar alguém?!

- Deixe isso pra lá, os corpos estão em cima da mesa, vamos logo! – O jovem estava muito balado, mas confuso interpretava o sentimento como sendo fraqueza de sua parte.

- Está certo, mas só tente evitar me matar. – Farem deu um soquinho no ombro de Ukel sorrindo, eram apenas crianças ingênuas.

Farem levou o corpo do homem e Ukel o da mulher, ambos arrastaram os corpos para fora da cidade, tomando cuidado para não chamar atenção. Do lado de fora dos muros havia uma carroça praticamente esperando por eles, esconderam os corpos debaixo de um pano e pediram para que o carroceiro os leva-se até os campos congelados, os campos não eram tão longe, mas levar dois corpos até lá seria complicado. O carroceiro notou algo estranho nos dois garotos, ainda mais por Ukel estar sujo de sangue, mas o garoto inventou uma desculpa de que o pai era açougueiro e mais cedo havia o ajudado, o povo de Ayrlia não é muito de perguntar, por medo das respostas, então o homem aceitou a desculpa e levou os dois garotos até os campos.

A viagem durou cerca de vinte minutos, quando chegaram dispensaram o homem, Farem deu a ele uma moeda de bronze e agradeceu-lhe a carona, os garotos haviam jogado os corpos um pouco antes no trajeto para não ser suspeito descer e tirar algo de baixo dos panos. Os dois voltaram o caminho por dentro da mata e pegaram os corpos que estavam no acostamento, ao longe já conseguiam ver o carroceiro vindo à direção deles,

mas antes que o mesmo os visse os garotos arrastaram os corpos para dentro da mata e se esconderam até o carroceiro sumir no horizonte.

- E agora aonde vamos enterrá-los? – Ukel perguntou esperando que Farem já tivesse uma ideia do local.

- Eu conheço um lugar com ótimas energias, acredito até que já foi um lugar santo, devemos enterrá-los lá.

- Então mostre o caminho, estou bem atrás de você!

- Me siga então, mas não tão perto assim. – Farem deu um sorriso de sarcasmo para Ukel e seguiu em meio à mata.

Depois de uns dez minutos de caminhada, Farem parou na frente de uma clareira. Um lago congelado enfeitava o centro da clareira e logo ao lado uma grande e possante árvore com folhas congeladas e estacas de gelo no lugar dos troncos tortos que chegavam até o chão formando uma cápsula de gelo e madeira.

- Que incrível esse lugar! – Ukel estava maravilhado com a paisagem, como algo tão lindo era desconhecido pelas demais pessoas da cidade.

- Pois é, quando eu morrer quero ser enterrado aqui! – Farem respirou fundo antes de continuar falando. – Vamos logo, vamos enterrá-los debaixo da árvore , só não podemos enterrá-los no meio.

- Porque não?

- Aquele é meu lugar. – Farem parecia encarar a morte com admiração e sem um pingo de medo.

O garoto parrudo seguiu em frente agora levando o homem no colo para não danificar mais o corpo, já que Ukel não tinha tal força teve que continuar arrastando o corpo da mulher. Farem levou o corpo do homem até debaixo da árvore e começou a cavar com as próprias mãos. Por incrível que pareça rapidamente o rapaz conseguiu abrir uma cova funda o bastante para caber os dois corpos no canto esquerdo da pequena tundra de gelo e galhos. Ele jogou o homem no fundo do buraco e disse à Ukel.

- Jogue a mulher aí agora, desse jeito eles vão ficar em amor eterno! – Na voz de Farem havia um pouco de malícia.

Ukel obedeceu ao amigo e jogou o corpo da mulher no buraco em cima do homem, ele não se sentiu muito bem com a piadinha de Farem, mas o que ele podia fazer?

- Certo agora dê o fora daqui, eu tampo o buraco e vejo se aquele velho vai nos causar problemas, quando eu puder entro em contato!

- Certo, mas não demore! – Ukel se virou e foi em direção à cidade pela floresta densa de árvores cobertas pela neve. Ele não podia chegar em casa com aquele casaco então depois de andar por uns quinze minutos o enterrou e foi com frio o resto do trajeto até chegar em casa. Quando finalmente chegou foi direto até o banheiro para lavar o rosto e as mãos, “santo sabão de bisão”, esse era o slogan da marca do produto. Saiu do banheiro e ao fechar a porta sua mãe estava do outro lado da mesma, furiosa com uma colher de pau na mão.

- Onde você esteve? – A mãe de Ukel falava com uma voz baixa, mas parecia que ia explodir a qualquer momento.

- Me desculpe mãe, meu amigo me chamou para almoçar na casa dele. – Ukel abaixou a cabeça e começou a esfregar o pé no chão como quem está arrependido. – Eu tentei negar, mas ele insistiu tanto que eu acabei aceitando!

- Podia ter me avisado pelo menos! – A mulher ajoelhou e abraçou Ukel. – Só não faça isso de novo, quase morri do coração.

- Tá certo mãe, me desculpa! – Ukel por detrás do abraço sorria como alguém que tinha acabado de escapar da surra de sua vida.

- Então vá para o quarto, tenho algumas coisas ainda pra fazer na casa!

Ukel foi para seu quarto tremendo de frio e fome, afinal sua mãe achava que ele tinha comido, mas na verdade ele havia caminhado e lutado tanto que seu estômago parecia estar querendo se comer.

Ao entrar no quarto fechou a porta e foi direto até sua escrivaninha, tirou a adaga do bolso e desenhou e escreveu cada detalhe da mesma, era uma

peça inédita e parecia conter algum poder aprisionado. Pegou a folha e saiu de casa, dessa vez avisou sua mãe e disse que iria até a biblioteca ler alguns livros.

A biblioteca de Gor não era muito frequentada, mas tinha muito conteúdo místico trazido pelos viajantes nos antigos tempos de guerra. Tinha dois andares e o tamanho de uma casa razoavelmente grande. No primeiro andar se encontravam os livros e no segundo algumas salas de recriação para os moradores da cidade.

Dentro dela, Ukel foi direto para a ala de armas místicas, ocupava uma prateleira apesar de não estar completa. Havia alguns livros misturados que não deviam estar ali e alguns escritos em outras línguas, mas uma obra chamou a atenção do garoto. O livro era revestido por um metal lilás, a cor parecia um pouco com a da lâmina da adaga misteriosa.

Ao abri-lo viu várias imagens de armas, armaduras e alguns acessórios como anéis e colares. As páginas eram bem antigas e aquela biblioteca não permitia retiradas, então o garoto escondeu o livro debaixo do casaco e saiu sorrateiramente pela porta sem que ninguém o notasse o bastante para ver o vulto por baixo da blusa.

Ukel levou o livro até sua casa, ao chegar em seu quarto, mais uma vez, fechou a porta e começou a folhá-lo atrás de uma imagem parecida com a adaga. Bingo um desenho muito parecido com a adaga estava estampado em uma das páginas do livro, página número 149, a descrição mostrava também um símbolo presente na adaga, o símbolo tinha forma de triângulo invertido só que da ponta do triângulo os traços continuavam mais um pouco. Aquele símbolo significava “amaldiçoado”. Na descrição também dizia que existiam poucos artefatos com esse símbolo estampado, muitos magos temiam aquele símbolo por conta de seu poder, uma lâmina amaldiçoada, por exemplo, com apenas um arranhão tirava toda a vida do inimigo e a repassava para quem a estava empunhando, era muito poder e o poder amedrontava os magos arcanos, por isso existiam poucas armas dessas, apenas uma adaga existia, mas segundo o livro o paradeiro desta era desconhecido, não mais agora que Ukel a encontrara.

Se uma arma tão poderosa caísse em mãos erradas poderia destruir o mundo, então o melhor seria se ele mesmo ficasse com a arma, e também, Ukel nunca foi de desperdícios. Pegou um cinto velho de couro que já estava um pouco desintegrado, pegou um pedaço de couro da manga do casaco negro do assassino que ele havia pegado mais cedo e fez uma espécie de bainha de couro só pra esconder a lâmina, colocou a adaga na bainha e logo após pegou aquele casaco que ele havia cortado e cortou mais partes até ficar com um tamanho adequado para seu tamanho, a única parte que ele deixou intacta foi o capuz que era bem comprido, o bastante para esconder seu rosto.

O sol já estava quase se pondo e as notícias do velho morto na loja já haviam chegado até a área distrital, o que as pessoas contavam era que o velho foi morto por um assassino, talvez o mesmo que foi encontrado morto na praça, também diziam que o assassino, que parecia mais um cidadão quando fora encontrado, havia sido morto pela guarda real. Parecia que ele e Farem tinham se livrado da culpa, pelo menos pelas pessoas da cidade. Junto das mortes veio mais uma notícia que chamou muito a atenção de Ukel, um garoto robusto tinha assaltado uma barraca de vegetais que ficava na cidade, a descrição que as pessoas davam parecia ser de Farem e se fosse verdade isso poderia causar problemas para ele.

Saiu em direção ao centro da cidade para ver o que o amigo tinha feito. Quando chegou ao local do suposto crime ainda havia curiosos no lugar e a barraca ainda estava jogada no chão, mas os vegetais haviam sido levados, o começo foi roubado por Farem e o resto deve ter sido os cidadões que estavam em volta no momento do ato, na praça não havia mais sinal do garoto e a única opção que sobrou à Ukel foi esperar ele fazer contato, até lá Ukel não podia fazer nada.

Capítulo III:
Buraco de minhoca

Ukel ficou em casa todo o tempo que esperou Farem, mas não sem fazer nada, enquanto esperava, começou a refletir sobre a vida e notou que neste mundo pessoas fortes são as pessoas vitoriosas, o que era óbvio, mas para uma criança era uma descoberta, o assassino que matou os pais de Merienir podia ser cruel, mas era poderoso, mas o poder o cegou e foi esse poder que o fez errar e ser morto por duas crianças, mas e se existisse alguém que não errasse? E se houvesse alguma pessoa invencível, se essa pessoas fosse existir, então que fosse ele.

O garoto começou a estudar todas as noites seu livro entendendo os símbolos, as armas e as armaduras mais poderosas que existiam, aquelas que tinham descrição mais completa também traziam o nome de quem a possuía sendo que algumas pertenciam à mesma pessoa, e esse agora era o objetivo de Ukel, se tornar o mais poderoso possível para não deixar que alguma pessoa com más ideias possuísse tal poder, mas ele sabia que não podia contar seus planos a ninguém.

Passaram-se cinco dias desde a última vez que Farem tinha vindo até Ukel, no sexto dia Farem chegou cedo à janela do quarto do jovem, bateu na janela até que o garoto a abrisse.

- Ukel! Demorei mas consegui vir até sua casa finalmente. – Farem parecia estar se desculpando, oquê era estranho para ele já que não era de dar satisfação. – Você viu o que aconteceu na praça né?!

- Claro, a merda que você fez, a cidade inteira ta comentando sobre isso!

- Me desculpe, a situação está complicada, tenho segurança, mas não tenho suprimentos para a Meri viver comigo, e então tive que roubar aquela barraca, será que você não teria alguma comida e roupas de garota pra me emprestar?

- Te emprestar? – Ukel já sarcástico perguntou.

- Ta legal, me dar! E você tem?

- Você está louco Farem – Ukel olhou para trás, foi até a porta do quarto e o trancou, voltou para perto da janela, pegou o casaco e o cinto com a adaga e os vestiu. – Vou com você, me leve até a Meri! - Ukel pulou a janela, a fechou sem fazer barulho e olhou firme para o garoto parrudo.

Farem fechou a cara e começou a cerrar os dentes.

- Está bem, mas você precisa me ajudar!

- Claro! – Confirmou Ukel. - Mas eu não vou poder pegar coisas da minha casa!

Farem concordou com a cabeça e fez sinal para que Ukel o seguisse, o garoto o seguiu pela aruela onde a janela dele ficava. Farem seguiu o caminho se espreitando pelas ruas, se escondendo nos cantos das casas que seguiam seu trajeto. Em fim chegaram a uma casa simples quase no fim da área distrital, Farem foi até a porta, ao abri-la olhou em seu interior e fez sinal para que Ukel o segui-se para dentro da residência.

Dentro da casa Merienir estava deitada em uma cama de pernas cerradas e com uma coberta de pelo de bisão a cobrindo em um abraço aconchegante. A garota estava magra e com as roupas sujas, o cabelo estava por lavar e a casa exalava um cheiro, não muito forte, mas mesmo assim desagradável.

- Eu não imaginei que a situação estaria tão crítica. – Ukel estava boquiaberto com a cena.

- Ainda bem que ela não come muito, mas não consigo tirar nenhuma informação dela, e além do mais, ela dorme a maior parte do dia! – Na voz de Farem um leve tom de desolação parecia afligir o rapaz.

- Estamos sem opção, teremos que roubar as lojas e tendas, mas não podemos ser pegos! – Ukel virou-se para poder olhar Farem nos olhos. – Se descobrirem que eu estou roubando minha mãe me mata.

- Você quer mesmo fazer isso? – Farem não podia acreditar no que estava ouvindo de um garoto tão comum, não aparentava nenhum tipo de loucura e, além disso, tinha apenas dez anos. – Depois que começarmos não tem volta!

- Tenho certeza! – Ukel colocou o capuz e saiu pela porta seguido por Farem que fechou a mesma ao passar por ela.

Os dois foram para a cidade de Gor, no centro havia algumas barracas, mas durante o caminho Ukel instruiu Farem que eles iriam roubar as lojas, o jovem mais velho faria o vendedor sair do balcão ou até da loja e depois Ukel iria até o balcão e roubaria uma parte do dinheiro, eles roubariam as lojas de armas e itens de necessidade secundária, e depois com esse dinheiro eles comprariam roupas e comida suficientes para manter Meri e Farem por um bom tempo.

O primeiro alvo dos gatunos era uma loja de aventureiros, tinha cordas, isqueiros, pederneiras e algumas outras coisas úteis, mas não de necessidade imediata. Como combinado, Ukel entrou na loja e fez que estava vendo algumas cordas, já aproveitando para checar aonde o vendedor guardava o dinheiro, o homem tinha uma gaveta no balcão onde era depositado o dinheiro. A loja estava relativamente movimentada, uma mulher falando com o vendedor e ainda um grupo de aventureiros olhando os itens variados nas prateleiras. Logo fora da loja Farem começou seu show.

- Vejo luzes, luzes *paramitelantes*... – O garoto andava de um lado para o outro olhando para o céu com um olhar vago.

As pessoas dentro da loja saíram curiosas com o garoto maluco que discursava frases sem sentido no meio da área comercial, junto saiu o vendedor que seguiu a mulher que era muito bonita. Ukel aproveitou a chance e se lançou para abrir a gaveta e a encontrar repleta de moedas de ouro. Ukel pegou vinte e uma e as colocou nos grandes bolsos do casaco e saiu da loja fazendo um sinal para Farem, passando os dedos na aba do capuz. Ukel seguiu de cabeça baixa até um beco, Farem parou de falar bobagens e disfarçou como

se nada tivesse acontecido, as pessoas evitaram ele enquanto ele passava por perto delas seguindo o mesmo caminho que Ukel percorrera.

No beco o garoto estava com as moedas nas mãos, brilhando na luz do sol e junto delas, os olhos do garoto também reluziam com a grande quantidade de peças de metal que possuía entre os dedos.

- Quanto lucramos? – Farem perguntou chegando perto do garoto e se agachou para ficar no mesmo nível do companheiro.

- Vinte moedas! - Respondeu.

Esse ato se repetiu algumas vezes, seguidas por longas compras de comida e roupas, não demorou muito para as pessoas da cidade perceberem o que estava acontecendo, sempre que Farem aparecia no centro da cidade era perseguido pelos vendedores, mas nenhum deles sabia que era Ukel que roubava até que um vendedor ao invés de correr atrás de Farem, voltou para sua loja e encontrou Ukel roubando seu pequeno cofre escondido.

Ukel caiu em desgraça junto de Farem e Merienir, que começou a participar das ações depois que se ajustou com os dois ladrõezinhos.

A mãe de Ukel entrou em depressão assim que ficou sabendo que seu filho era um ladrão, sua depressão virou loucura até que um dia ela se enforcou na cozinha de casa.

A casa de Farem foi encontrada e destruída, por sorte não descobriram onde Ukel vivia e os três começaram a morar na casa do garoto.

Tudo isso aconteceu no início de um período de oito anos que formou a personalidade dos três adolescentes que enfrentavam o mundo sozinhos, roubando para sobreviver.

Depois que o esquema deles foi descoberto tiveram que começar a roubar à força ou sem serem notados, Ukel desenvolveu uma incrível habilidade para entrar e sair de lugares sem ser notado, assim como Merienir que também era muito boa em não ser percebida, mas ainda não se comparava a Ukel, Farem havia se tornado um poderoso guerreiro especializado em imobilizar os oponentes, mas não tinha muita suavidade, pelo seu tamanho ele não conseguia atacar sem chamar atenção.

Os três logo ficaram temidos na cidade e não tiveram que roubar, agora apenas cobravam por proteção, um sistema de máfia que as pessoas temiam e respeitavam em Gor.

Capítulo IV: Império

- E então, você tem o meu dinheiro? – Um homem encapuzado estava debruçado sobre o balcão de uma loja de verduras, na frente dele, o vendedor tinha um olhar apavorado e fixo. – Sim ou não? – A voz dele era calma, mas muito assustadora. – Pare de tremer e me responda! – O encapuzado bateu em cima do balcão com força.

- Me desculpe senhor, a crise não está ajudando as minhas vendas, e se eu continuar pagando pra você não terei como manter minha família!

- Tudo bem. – O vendedor engoliu em seco aliviado – Se você decide pelo jeito difícil, assim será. – O cobrador ficou ereto se virando e seguindo até a porta do estabelecimento. – Terá notícias minhas em breve! – Quando o indivíduo ameaçou sair pela porta, o pobre homem saiu correndo até ele de joelhos implorando por misericórdia.

- Por favor, não tenho como lhe pagar! – Ele estendeu as mãos como se rezasse. – Leve qualquer artigo da loja como pagamento, mas não machuque a mim ou a minha família.

O encapuzado esboçou um sorriso malévolo, virou o rosto para o homem ajoelhado à sua frente e o olhou bem no fundo dos olhos em que já corriam lágrimas.

– Sugiro que consiga o dinheiro até amanhã, não me importa como! – O homem pegou o pobre vendedor pela garganta, o fez ficar de pé e o segurou contra a parede do lado da porta de madeira, então levou a boca até o ouvido do homem o levando ao ápice do pavor. – Ou eu serei o último homem que você verá em sua vida!

O homem de preto largou a garganta do vendedor, virou seu rosto para a rua e seguiu seu caminho enquanto o velho passava a mão no local ferido, tentando fazer a dor passar.

Enquanto o encapuzado passava pelas ruas da cidade, as pessoas que o viam tentavam se esconder, mas nenhuma escapava de seus olhos observadores. Na cidade era conhecido como “Ponto”, diziam ser porque era o ponto final na vida dos que o desafiavam. Andava de cabeça baixa e movia seus olhos ao redor procurando por possíveis “heróis” que tentassem desafiar sua soberania.

O homem misterioso seguiu os tijolos brancos pela neve até sair da cidade, chegando à área distrital de Gor. Do canto de uma casa, um garotinho o olhava escondido, Ponto olhou para ele e o mesmo se escondeu, quando voltou a espiar, o homem havia sumido.

O encapuzado entrou em uma casa de madeira, uma moradia simples. No hall de entrada, que levava até os quartos e a cozinha, estava pendurada uma pintura de um garotinho com sua mãe do lado sorrindo. Ele seguiu o corredor que levava aos dormitórios, entrou na porta no final do corredor e depois a fechou.

Atrás de uma escrivaninha, puxou uma corda abrindo um alçapão na parede, revelando uma escada que descia pela escuridão. Nas paredes acendeu uma tocha, fechou a entrada deixando a corda do lado de dentro e desceu com o fogo iluminando seu caminho.

Já no pé da escada, o rapaz prendeu a tocha na parede e lançou seu olhar para frente onde se encontravam três camas, baús espalhados por toda a grande sala e algumas armas penduradas nas paredes presas por armações de madeira. Nas camas sentados estava um homem e uma mulher vestidos de preto, o homem era Farem, agora forte e robusto e a mulher era Merienir que havia se tornado uma linda donzela com seus longos cabelos prateados e sua pele tão pálida quanto a neve.

Na cidade eles agora eram conhecidos como “Punho” e “Flecha” respectivamente, títulos que assim como Ponto, se encaixavam a suas características específicas. O homem misterioso retirou o capuz e por baixo do mesmo revelou um rosto sério e calmo, com os cabelos bagunçados e o olhar

firme, era Ukel, que agora havia formado um grande e poderoso império de roubos, com seu pequeno, mas poderoso clã de ladrões, temido até pela guarda real de Gor.

- O vendedor número três não pagou de novo! – O jovem se dirigiu até a terceira cama e se sentou estralando o pescoço. – Dei a ele até amanhã!

- Já é a quarta vez que você faz isso. – Lembrou Farem em um tom de desaprovação. – Você tem que parar de dar essas chances ou ninguém mais vai nos pagar!

- Olha como fala, não esqueça que essa responsabilidade é minha, só estou lhes contando para mantê-los informados.

- Não comecem com isso de novo! – Pediu Merienir se dirigindo à eles como uma mãe faz com duas crianças que estão prestes a brigar. – Da última vez ficaram sem se falar por uma semana, isso não é bom para os negócios.

- Tanto faz. – Ukel se virou na cama cruzando os pés sobre a armação de madeira que ficava no pé da mesma.

- Digo o mesmo. – O homem parrudo fechou o rosto e emburrou os lábios.

A garota suspirou aliviada jogando a cabeça para trás.

- Então qual o próximo passo? – Ela perguntou.

- De novo esse papo de próximo passo Meri?! – O rapaz continuou deitado de olhos fechados, usando um tom de voz como se não desse muita importância para a pergunta dela. – Já te falei que nós chegamos ao nosso auge, temos dinheiro, posses e o controle da cidade, só o que temos que fazer agora é manter o nosso status.

- Sim eu sei! – Merienir abaixou a cabeça novamente e fez uma cara de tristeza. – Mas é que essa ideia parece uma existência tão vaga, só o que fazemos é amedrontar as pessoas e pegar o dinheiro delas, com nossas habilidades podíamos fazer algo melhor!

- Você vem falando isso nos últimos oito anos, mas sabe o que acontece com os mocinhos neste mundo. – Ukel voltou a se sentar olhando fixamente para o chão de pedra a sua frente. – Eles são mortos por nós!

- Mas e se nós nos tornarmos os mocinhos? Não teremos ninguém que tente nos atacar! – Afirmou a garota.

- Já que você quer tanto um próximo passo Meri. – Farem desfez a cara de emburrado e continuou. – Que tal roubarmos do maior ladrão dessa cidade?

- E quem seria maior que nós? – O jovem de casaco mais longo se fez interessado por alguém que fosse superior a ele.

- O rei é claro, os impostos daquele cretino são o maior motivo dos vendedores não nos pagarem. – A voz do homem musculoso tomou uma pitada de empolgação. - E ainda por cima nós podemos nos considerar os mocinhos, já que estamos roubando de um homem que "rouba" dinheiro dos mais pobres.

- A ideia é interessante. – Ukel voltou sua atenção ao amigo. – Mas como você pretende fazer isso?

- Estão tendo boatos de que o rei vai fazer um pronunciamento aos plebeus daqui alguns dias, se for verdade podemos até quem sabe tomar o poder da cidade para nós.

Ukel soltou uma pequena gargalhada.

- Você pensa alto Farem, mas como nós supostamente tomaríamos o poder da cidade inteira? – Perguntou.

- O item mais valioso de um homem é sua vida, se o ameaçarmos diretamente aposto que fará exatamente o que mandarmos, as pessoas não iriam perceber, mas nós poderíamos controlar os poderes conferidos a ele.

- Roubar uma cidade inteira de uma vez, sem ninguém perceber? – Os olhos de Ukel brilharam de um modo malévolo combinando com seu sorriso malicioso. – Nunca imaginei que você teria uma ideia como essa! E qual é o plano?

- Você vai ver! – O homem sorriu juntamente ao amigo, enquanto Merienir agora estava emburrada.

No dia seguinte Ukel, Farem e Merienir acordaram praticamente juntos.

- Bom dia. – Disse a garota enquanto se espreguiçava, ainda sentada na cama.

- Bom dia. – O mais novo respondeu se dirigindo também à Farem.

- Bom dia também seus trastes. – O mais velho dos três acordou pulando e se alongando fora da cama, como se fosse fazer uma caminhada. – Querem ouvir meu plano para roubar a cidade?

Ukel esboçou um sorriso ainda com as pálpebras cansadas e falou bocejando.

- Claro, nos conte o que a mente criminosa ai planejou.

Merienir, juntamente do companheiro, olhou atentamente para o rapaz mais forte que parecia se preparar para um discurso.

- Então lá vai. – Farem estralou o pescoço, em seguida fazendo algumas caretas. – O rei certamente estará muito bem escoltado quando for fazer seu pronunciamento então seu castelo vai estar sem defesa, um de nós, a Meri acho, ficará disfarçada na plateia ouvindo o que ele tem a dizer enquanto eu e você, Ukel. – Apontou para o companheiro. – Entraremos no castelo e invadiremos a sala de reunião. – Ele movimentava as mãos enquanto falava. – Nos acomodaremos e vasculharemos a sala atrás de qualquer coisa interessante, afinal de contas somos ladrões. Depois um de nós ficará esperando do lado de fora da sala até o rei voltar, certamente ele estará com guarda costas e o serviço será tirar do caminho, se for preciso, esses guardas, se possível mantê-los vivos ajudaria no plano. – Deu uma olhada para Ukel que soltou um suspiro. – Depois disso devemos levar vossa majestade para dentro da sala de reunião, a trancando por fora. – Farem olhou agora para Merienir. – Meri, você deve seguir o rei de uma distância segura para ajudar a se livrar dos

soldados no caminho de Ukel, que é quem eu pretendo deixar do lado de fora da sala...

- Opa, pera aí. – O rapaz levantou da cama. – Eu fico esperando o rei, você mata os guardas.

- E por que você?

- Porquê as pessoas da cidade já me consideram como o líder! – Respondeu egocêntrico.

- Grande coisa, você sabe que aqui não temos líder! – Farem deu um passo à frente na direção de Ukel, tentando intimidá-lo.

- Tanto faz quem fique lá dentro. – O jovem colocou o capuz e deu a volta no companheiro furioso – Gostei do seu plano, vamos usá-lo, mas agora tenho que ir cobrar o vendedor número três!

Ukel chegou à frente da loja de verduras do dia anterior, respirou fundo e logo em seguida liberou o ar criando uma camada de fumaça do bafo que saia da boca do ladrão. O jovem usando o capuz abriu a porta e, dentro da loja, o homem no balcão conversava com uma mulher que carregava uma sacola de legumes. Ele se aproximou e mais uma vez se debruçou no balcão, quando a mulher o notou se despediu do vendedor com a voz trêmula e saiu rapidamente do local. O vendedor deu um pequeno pulo quando foi pego de surpresa pela figura negra que se postava à sua frente.

- Como posso ajudá-lo senhor? – O pobre homem perguntou com nervosismo na voz.

- Você sabe como pode! – O encapuzado estendeu a mão para receber o pagamento.

- Só um momento. – O vendedor se abaixou e começou a mexer nas gavetas que ficavam de baixo do balcão. – Só um segundinho – Ukel começou a ouvir o barulho de metal se batendo, um som que ia ficando cada vez mais alto, o vendedor parecia ter uma grande quantidade de moedas guardada ali.

O barulho ficava cada vez mais alto e o dono do estabelecimento não saia debaixo daquela bancada infernal e barulhenta.

- Vamos logo, não tenho o dia todo! – Ukel bateu com o punho fechado na mesa.

- Me desculpe senhor! É só um instantezinho.

O rapaz sentiu uma leve picada no punho, como se fosse um inseto, ao olhar para a mão em cima do balcão, viu que não havia sido um inseto, mas sim um pequeno, quase minúsculo, projétil de metal que estava grudado em um de seus dedos.

- Que merda é essa? – Ukel puxou a adaga roxa e com a outra mão puxou o vendedor para cima colocando a lâmina bem perto de sua garganta. - O que está acontecendo?

- Acabou seu ladrãozinho de merda! – O vendedor instantaneamente criou coragem e, enquanto as pálpebras do jovem pesavam, ele desferiu um golpe que causou apenas um pequeno arranhão na garganta do vendedor.

O pobre homem começou a se contorcer, o cobrador largou-o já sem forças. O vendedor caiu sobre a mesa morto, acompanhado pelo ladrão que despencou no chão quase inconsciente. Com os olhos pesarosos viu uma figura encapuzada, usando uma máscara, quando o ser negro se abaixou para checar os batimentos de Ponto, um fio de cabelo prateado escapou do capuz e o jovem apagou.

Autor: Lucas de Lucca

@Lucas2Vezes = Instagram e Twitter.

A venda no formato digital na Saraiva e na Amazon.

Não confunda com corvo negro, o nome é O CORVO NEGRO!

ldelucca@outlook.com = Críticas, sugestões, dúvidas, elogios e afins.